

**Macbeth: crime, política e medo**

*“Não custa nada ser o que somos, o  
que é preciso é sê-lo em segurança”  
(Macbeth, III, i)*

*Macbeth*, escrito nos primeiros anos do século XVII, marca o retorno de Shakespeare ao tema da monarquia, provavelmente devido a seu interesse por um novo governo.<sup>1</sup> A peça traz em si mesma elementos históricos e políticos, como já se tornara familiar na obra de Shakespeare. Agora, porém, o poeta estava na maturidade de sua carreira, livre, portanto, das restrições históricas, apto a traçar sua própria interpretação do poder absoluto. Como toda grande obra dramática, *Macbeth* transcende sua própria temática. A peça é um retrato do crime político, como podemos ver em várias outras peças de Shakespeare, mas é, sobretudo, uma visão metafísica do lado sombrio do humano. Através de uma série de imagens concretas de um homem matando por uma coroa, pode-se perceber as fontes dos impulsos anormais, o lado escuro da alma no qual o Mal fez seu refúgio, o estado íntimo da desintegração, desarmonia, e medo, dos quais nasce o crime e a destruição.

A peça retrata o momento em que Macbeth, havendo suprimido uma rebelião, ascende a um lugar próximo do trono. Ele pode vir a ser Rei; portanto, ele deve vir a ser Rei. Daí, ele matar o legítimo soberano. Depois, ele mata as testemunhas de seu crime e, ainda, aqueles que suspeitaram dele. Mata os filhos daqueles que já matou. Mais tarde, tem de matar todo mundo porque todo mundo está contra ele. No final, ele também será morto.<sup>2</sup>

A peça é conduzida por duas idéias básicas que se tornam fontes da ação: o mal e a irracionalidade.

Razão, para Shakespeare, é algo associado com a natureza, com a ordem natural das coisas, tanto na sociedade quanto no cosmos. “O impulso do meu violento afeto antecipou-se ao freio da razão”, diz Macbeth justificando ter matado os camareiros, a quem queria atribuir a culpa pelo assassinato do Rei Duncan (II, iii).<sup>3</sup> Antecipar-se à razão significa violar a própria natureza, eliminar o senso

comum, ultrapassar a medida do equilíbrio, mover-se em direção ao irracional, “em direção ao domínio espiritual demarcado pela escuridão irracional do inferno”<sup>4</sup>

Para dar uma forma concreta ao universo impalpável da “escuridão irracional”, Shakespeare tem de usar uma imagística rica em significados e em beleza poética. Para começar, a parte do dia em que se passa a maior parte da ação: a noite. A escuridão que permeia toda a peça é invocada insistentemente: “Oh não, jamais o sol verá esse amanhã!” (I, v). No plano das ações, os criados carregam tochas o tempo todo e a escuridão da peça expressa as sombras escondidas nos corações dos Macbeth: “Estrelas, ocultai os vossos raios! / Não veja a luz meus negros, meus profundos / desejos” (I, iv). Ou: “Vem, noite tenebrosa, e te reveste / De mais espesso fumo dos infernos / Para que o seu punhal não veja o golpe / Que vibrará, nem possa o céu ver nada / Através do lençol da escuridade / Para gritar: Detém-te!” (I, v).

O clima geral da peça é de pesadelo: sombras interiores e exteriores associadas à gratuidade do crime e ao terror que toma conta dos protagonistas. A memória do crime cometido remete ao medo dos novos crimes que agora são inevitáveis.

Os animais habitam este sonho mau e são notáveis em número e qualidades: o “tigre hircano” e o “armado rinoceronte” (III, iv); o “hirsuto urso russo” (III, vi); o lobo, o corvo rouco que “crocita à entrada fatídica de Duncan” no castelo (I, v); a coruja “que dá o boa-noite mais sinistro” (II, ii); o falcão e os cavalos enfurecidos despedaçando as baias (II, iv); “sabujos, mastins, podengos, galgos, perdigueiros, cães de rua, cães-lobo e cães-d’água” (III, i).

O pesadelo é ainda embalado pela insônia e lavado pelo sangue. Para Shakespeare, o sono é um privilégio dos bons, a paz dos inocentes. Em *Macbeth*, porém, só existem aqueles que matam e aqueles que morrem. “Macbeth matou o sono / ... / Macbeth não dormirá nunca mais” (II, ii). Os Macbeth não dormem por causa dos crimes cometidos; os demais, por temerem serem mortos.

*Macbeth* começa e termina em morticínio. Durante a peça acontecem pelo menos outros três, o de Duncan, o de Banquo e o da família Macduff. Na peça, o sangue não parece uma metáfora; parece jorrar verdadeiramente dos corpos assassinados.

Shakespeare acentua as incertezas de um mundo cheio de crimes e traições, um mundo no qual “longa é a noite que nunca chega ao dia” (IV, iii), com uma linguagem em que predomina um número pouco comum de perguntas. A primeira fala da peça já é em forma interrogativa: “Quando novamente as três nos juntamos / No meio dos raios e trovões que amamos?” (I, i); a segunda cena também começa com uma pergunta: “Que homem ensangüentado é este?” (I, ii); As primeiras palavras de Banquo na cena terceira são: “A que distância estamos de Forres? Quem são estas criaturas tão mirradas e estranhas?” (I, iii); a quarta cena começa com as

perguntas de Duncan “Cawdor já foi executado? E os homens encarregados disso já tornaram?” (I, iv); Lady Macbeth na cena seguinte pergunta ao Mensageiro “Que notícias trazes?” (I, v); e toda a cena do assassinato de Duncan toma a forma de perguntas: “Estava bêbada tua anterior esperança?” (...) “Tens medo de ser na ação e no valor o mesmo que és no desejo?” (...) “E se falharmos?” (...) “Que não podemos nós contra o indefeso Duncan?” (...) “Se usarmos os punhais dos camareiros e mancharmos a ambos / De sangue, quem não acreditaria / Que os matadores terão sido eles?” (...) “Mãe”, pergunta o filho de Macduff, “meu pai foi um traidor?” (...) “O que é um traidor?” (IV, ii), e assim por diante.

A peça é também cheia de fatos ou coisas ditas inomináveis. Macduff refere-se ao assassinato de Duncan como uma façanha que “boca nem coração poderão nunca / Nomeá-lo ou concebê-lo!” (II, III); as feiticeiras executam uma “Obra que não tem nome” (IV, i); Macbeth é referido como o tirano “cujo só nome ulcera as nossas línguas” (IV, iii). “Coisas sem nome”, diz Terence Eagleton, “são coisas que vão além do alcance dos significados humanos...”<sup>5</sup>

Rumores, suspeitas, informações desencontradas, incertezas, conhecimento vago e superficial das coisas, e também uma força desconhecida trazida à tona através das seqüências das feiticeiras criam a mais relevante experiência emocional de toda a peça: o medo. A própria origem dos crimes de Macbeth é o medo. Medo que

se instala no seu coração golpeando suas costelas, que arranca dele à força exercícios de retórica, que o reduz a um maníaco quando o fantasma de Banquo aparece, que irradia dele e contagia a todos na Escócia até que seus habitantes flutuem “todos / À mercê do destino em mar violento!” (IV, ii), e que no final, quando ele perdeu a capacidade de sentir qualquer coisa mais, se evapora a ponto dele declarar: “Já quase que esqueci o gosto do medo!” (V, v).<sup>6</sup>

O Macbeth que mata o Rei não aceita o Macbeth que tem medo de matar; após o crime, o Macbeth que tem medo de matar não suporta o Macbeth que mata o Rei. “Tivesse eu sucumbido uma hora antes / Deste momento e dera por ditoso / O meu tempo na terra; mas agora, A partir deste instante, nada sério / Deparei na vã mortalidade. / Tudo é futilidade: honra e renome / Estão mortos; o vinho da existência / Esgotou-se até à borra e só lhe resta / Borra a esta triste adega” (II, iii).

Matando Duncan, Macbeth mata o Rei, o nobre, o parente e o convidado. Num só golpe Macbeth comete pelo menos três dos piores crimes da

humanidade, segundo a hierarquia dos pecados idealizada por Dante e inscrita nos nove círculos do Inferno.<sup>7</sup>

Noite, pesadelo, animais, insônia, sangue, incertezas, coisas inomináveis, medo. A luta pelo poder absoluto, a destruição dos valores éticos que sustentam as relações interpessoais e sociais, o destino comum de vítimas e tiranos, a advertência sobre a impossibilidade de auto-controle do que é movido pelo irracional ou sobrenatural. “Quando os atos / Violam a natureza, eles produzem / Desordens também contra a natureza” (V, ii).

Como peça dramática, *Macbeth* é uma obra-prima de estrutura, concisão, imagística e poesia; como personagens, os Macbeth tem sido apontados pela crítica como os mais consistentes tratamentos psicológicos de quantos Shakespeare criou; como idéia, hoje, a peça oferece uma leitura absolutamente contemporânea na medida em que seu discurso pode ser entendido por testemunhas de uma época na qual a violência e a arte de matar alcançaram sua mais perfeita forma numa paranóica mistura de avanço tecnológico, interesse econômico e antagonismos ideológicos.

#### NOTAS

- 1) Com a morte de Elizabeth I em 1603, James I torna-se Rei da Inglaterra. *Macbeth* foi escrita em 1605.
- 2) Parafrazeado do argumento estabelecido por: KOTT, Jan. *Macbeth or death-infected*. In: ——. *Shakespeare, our contemporary*. New York, Doubleday, 1964. p.75.
- 3) As citações da peça foram todas extraídas desta tradução: SHAKESPEARE, William. *Macbeth*. Trad. Manuel Bandeira. Rio de Janeiro, Jose Olympio, 1961.
- 4) (FERGUSSON, 1964, p.202)
- 5) (EAGLETON, 1967, p.133)
- 6) (DOREN, 1939, p.254)
- 7) Citado por: SCHOENBAUM, S. *Classic theatre, the humanities in Drama*. Boston, Little, 1975. p.4.

## BIBLIOGRAFIA

- DOREN, Mark van. *Shakespeare*. New York, Henry Holt, 1939.
- EAGLETON, Terence. *Shakespeare and society; critical studies in Shakespeare drama*. New York, Schocken Books, 1967.
- FERGUSON, Francis. Macbeth as an imitation of an action. In: CORRIGAN, Robert & ROSEMBERG, James, org. *The art of the theatre; a critical anthology of drama*. San Francisco, Chandler, 1964.
- KNIGHT, G. Wilson. *The wheel of fire; essays in interpretation of Shakespeare's sombre tragedies*. London, Oxford, 1930.
- KOTT, Jan. *Shakespeare, our contemporary*. New York, Doubleday, 1964.
- SHAKESPEARE, William. Macbeth. In: CORRIGAN, Robert & ROSEMBERG, James, org. *The art of the theatre; a critical anthology of drama*. San Francisco, Chandler, 1964.
- . *Macbeth*. Trad. Manuel Bandeira. Rio de Janeiro, José Olympio, 1961.

*LUIZ PAULO VASCONCELLOS Mestre em Teatro pela State University of New York, USA;  
Prof. Adjunto de Direção e Interpretação do Departamento de Arte Dramática do Instituto de  
Artes da UFRGS.*